

REVISTA ABA+

QUANDO O COMPORTAMENTO VIRA TRADIÇÃO



No dia 22 de agosto, celebra-se oficialmente o Dia do Folclore. Mais do que um calendário escolar marcado por cartazes coloridos e encenações de personagens como a lara, o Curupira ou o Saci-pererê, essa data nos convida a perceber o folclore como algo muito maior: ele se delinea como a própria respiração cultural do povo, um modo de viver e de transmitir saberes que não cabe apenas nas páginas dos livros. — *pág 6*

Agradecimentos

Aos nossos leitores,

É com imenso amor às nossas raízes que te convidamos a explorar as riquezas culturais e naturais que muitas vezes passam despercebidas. Através das páginas enaltecemos o Dia do Folclore e o Dia do Cerrado, valorizando a cultura e os saberes populares que resistem e inspiram.

Agradecemos aos autores convidados desta edição, em especial Ana Carolina Sella, Iara Alves e Chico dos Bonecos, grandes nomes da Análise do Comportamento e da Educação, respectivamente. Marco Meireles e Mateus Silva que trouxeram o seu conhecimento à publico. Boa leitura!

DIREÇÃO

SANDRA PARO

COLABORAÇÃO

**ALINE ALVES, ANA CAROLINA SELLA, IARA SANARA SILVA ALVES,
CHICO DOS BONECOS, MARCOS MEIRELES E MATEUS SILVA**

COORDENADORA

CRIS ALVES

EDIÇÃO E

DIAGRAMAÇÃO

ÚLLI DE OLIVEIRA | UM PONTO MARKETING

ORGANIZAÇÃO DOS EVENTOS

ANA CAROLINA

CONSELHO EDITORIAL

**SANDRA PARO, CRIS ALVES, CHRISTIANE
MAMEDE E MARIZA DOMINGUES**

05

DA EDITORA

Uma carta da editora
aos queridos leitores

06

BRASILIDADES

O saber do povo:
Quando a vida vira
cultura

14

É VERDADE. #SQN

"ABA é uma terapia
padronizada, feita
igual para todo
mundo."

16

**PAPO DE
PROFESSOR**

O detetive, o
músico e o ator

19

**DICAS DO
PROFISSIONAL**

Habilidades de
atenção em crianças
autistas na Análise do
Comportamento

23

SOCIEDADE

A savana mais
rica do mundo

31

**ESCREVENDO EM
FOGO BAIXO**

O sabor das lendas

36

DICA DE LEITURA

O Brasil em
Quadrinhos: Cultura e
Identidade pelas Mãos
de Maurício de Sousa



39

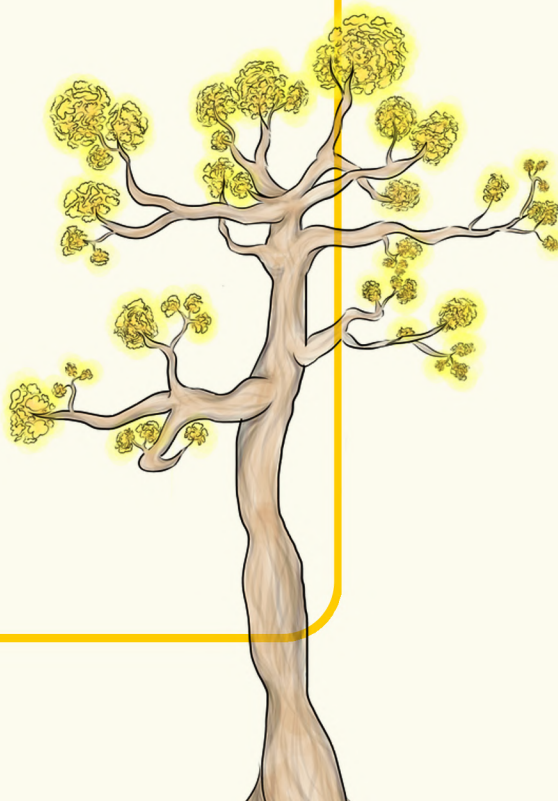
ABA+ ACADEMY

Lançamento de
2 novos livros

40

EVENTOS

Agenda ABA+
Cursos de Setembro



Editorial

E aí, conhece alguém que fala mal de agosto? Talvez você mesmo já tenha dito que é o “mês do desgosto” ou até “o mês do cachorro louco”. Há ainda quem recorra a fatos históricos, como o suicídio de Getúlio Vargas e o início de uma grande crise política, para reforçar a fama sombria desse período. Mas será que agosto merece mesmo essa reputação? Talvez o que nos falte seja justamente um novo olhar, porque, na verdade, agosto é um mês profundamente inspirador.

É nesse espírito que esta edição da Revista ABA+ propõe um mergulho afetivo e reflexivo nas tradições que o mês nos oferece, motivados especialmente pela celebração do Dia do Folclore. Quando a vida cotidiana se transforma em cultura, emergem vozes que guardam e compartilham os saberes do povo — como Cora Coralina e Bariani Ortêncio, verdadeiros guardiões da alma do Cerrado. Suas palavras e composições nos lembram que cultura é também resistência, e que o saber popular tem tanto valor quanto qualquer tratado científico.

Falando em Cerrado, temos ainda uma matéria especial em comemoração ao Dia do Cerrado, que nos convida a conhecer e valorizar esse bioma tão rico e, ao mesmo tempo, tão ameaçado. Mais do que paisagem, o bioma é memória viva, berço de saberes tradicionais e fonte de vida para grande parte do Brasil.

Entre uma página e outra, somos presenteados com uma verdadeira aula de sensibilidade e criatividade com Chico dos Bonecos, detetive, músico, ator e, acima de tudo, professor. Dono de uma prosa, daquelas que a gente lê sorrindo.

E, claro, nossa conversa também passa pela cozinha com a coluna “Escrevendo em fogo baixo”, em que o alimento e a palavra se misturam em receitas de afeto. E pela literatura, com uma sugestão de leitura que costura identidade cultural e infância com a incrível turma de Maurício de Sousa.

E tem mais? Sim! Mais ciência, mais investigação, mais análise do comportamento. Nesta edição, aprofundamos o estudo sobre a análise do comportamento e desmistificamos a ideia de que se trata de uma “receita pronta”, igual para todos. Não é. Nunca foi. Venha descobrir o porquê. Também conheça mais sobre o desenvolvimento de habilidades de atenção em crianças autistas com a nossa coluna Dica do profissional, e que profissional!

E que agosto, tantas vezes injustamente chamado de “mês do desgosto”, revele sua verdadeira face: o mês da resistência, da sabedoria popular, do recomeço e da florada dos ipês, que, mesmo em meio ao tempo seco, explodem em cores vivas para lembrar que a beleza resiste, floresce e inspira. Agosto é, de fato, o mês da escuta, da memória e da reconstrução de narrativas. Um tempo de folclore, de histórias que nos formam e dizem quem somos. Fiquem de olho na nossa agenda e embarquem conosco nesta edição.

Com carinho,
Equipe ABA+

O SABER *do Povo*

QUANDO A VIDA VIRA CULTURA

Por Sandra Paro

O saber do povo: Quando a vida vira cultura

Por Sandra Paro

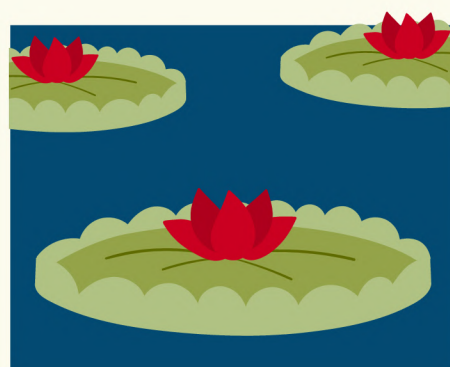
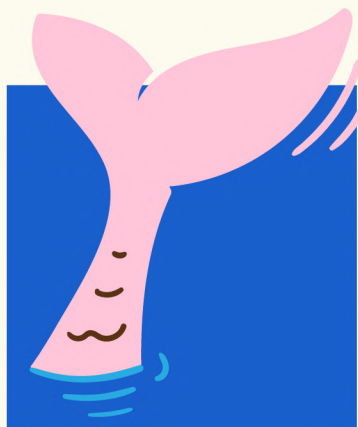
No dia 22 de agosto, celebra-se oficialmente o Dia do Folclore. Mais do que um calendário escolar marcado por cartazes coloridos e encenações de personagens como a lara, o Curupira ou o Saci-pererê, essa data nos convida a perceber o folclore como algo muito maior: ele se delineia como a própria respiração cultural do povo, um modo de viver e de transmitir saberes que não cabe apenas nas páginas dos livros.

Quem nunca ouviu uma parlenda no colo da avó?

Quem nunca se divertiu com um trava-línguas na escola, ou se arrepiou com uma história de saci contada à beira do fogão?

O folclore é isso: a memória que pulsa nas palavras ditas de geração em geração, nos gestos repetidos no cotidiano, nas festas que unem comunidades, nas crenças e superstições que atravessam séculos. Ele não se restringe ao passado nem se limita às tradições; está vivo nas músicas que ainda ecoam nas ruas, nos ditados que atravessam conversas, nas brincadeiras infantis e até mesmo nas receitas de família guardadas como relíquias afetivas.

Mais do que um conjunto de lendas, o folclore é um espelho da alma coletiva, revelando quem somos, de onde viemos e como interpretamos o mundo ao nosso redor. É a vida que, ao ser repetida, celebrada e compartilhada, vira cultura.



O povo que LÊ O CÉU

Antes do calendário, o homem simples já lia a lua como se fosse um relógio. Na minguante, cortava madeira que não apodrece; na cheia, pescava porque sabia que o peixe “mordia mais”. Plantava, colhia, cortava cabelo, tudo guiado pelo brilho do céu.

Esse saber, que nasceu da observação atenta, hoje é confirmado pela ciência. Prova de que o povo é sábio, mesmo sem cátedras ou diplomas.

O folclore não é coisa parada em museu. Ele se transforma, se adapta, se reinventa. Câmara Cascudo já dizia: *“Inútil será pensar que um desenvolvimento industrial anulará o folclore. Fará nascer outro.”*

E é verdade. Uma parlenda diverte e ensina. Um ditado popular explica a vida em uma frase curta: *“Comer gato por lebre”*. Uma cantiga embala o sono da criança. Tudo simples, mas funcional. Tudo coletivo, porque só existe quando é compartilhado.

FOLCLORE

O livro vivo da gente

Quando o comportamento vira TRADIÇÃO

A ciência explica. A Análise do Comportamento mostra que práticas que trazem bons resultados tendem a se repetir. Se funcionam, ficam. Se unem, permanecem. É assim que rezar pela chuva, colher o pequi no tempo certo ou mexer o doce de leite no tacho viram mais que hábito — viram cultura.

São comportamentos que se tornam identidade.

BARIANI E CORA

Vozes do Cerrado

Bariani Ortêncio não anotava apenas receitas. Ele registrava crenças, gestos, ditados, memórias. Em *A Cozinha Goiana*, a panela vira testemunha da cultura: “A cozinha é um símbolo cultural, pois é memória e patrimônio de todo e qualquer grupo social” (SIGNORELI, 2010).



Bariani Ortêncio



Cora Coralina

Já Cora Coralina fez poesia com o cotidiano. Mostrou que a vida simples também é literatura, também é memória. Como escreveu em *Poemas dos Becos de Goiás*:

“O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada. Caminhando e semeando, no fim terás o que colher.”

Os dois sabiam: contar, cozinhar, rezar, cantar — tudo isso é comportamento coletivo que, repetido, vira história.

FOLCLORE E CIÊNCIA

Um encontro de alma e forma

De um lado, o folclore encanta, emociona, cria imagens que não saem da memória. De outro, a ciência organiza, mede, explica. Juntos, mostram que aprender e ensinar não é só técnica: é também afeto, é identidade, é vida.

Um trava-línguas pode treinar a linguagem. Uma cantiga pode virar recurso terapêutico. Uma brincadeira popular pode ajudar uma criança neurodivergente a se comunicar. Cultura e ciência não competem — somam.

Celebrar o Dia do Folclore é lembrar que o Brasil cabe em um caso contado à sombra de uma mangueira.

É o cheiro do doce de leite no tacho, a risada solta na roda de brincadeiras, a reza sussurrada para a chuva chegar.

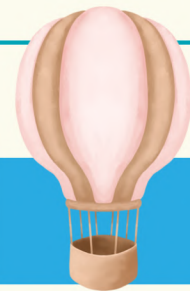
Porque, no fim das contas, a maior enciclopédia do nosso país não está nas prateleiras, mas na boca do povo.

Um Brasil inteiro em um

CAUSO



PARLENDAS



A parlenda não tem fim. Depende da imaginação de quem está brincando, quem vai perguntando vai fazendo cócegas na criança que responde, subindo da palma da mão até as axilas, quando a criança retira o braço por não aguentar as cócegas, acaba-se a parlenda.

Parlenda do Toucinho

- Cadê o toucinho que estava aqui? (Apontando para a palma da mão)
- O gato comeu!
- Cadê o gato?
- Está no mato!
- Cadê o mato?
- O fogo queimou!
- Cadê o fogo?
- A água apagou!
- Cadê a água?
- O boi bebeu!
- Cadê o boi?
- O Homem matou!
- Cadê o homem?
- Está na casa dele!
- Fazendo o quê?
- Amassando trigo!



Hoje é domingo
Pede cachimbo
O cachimbo é de barro
Bate no jarro
O jarro é de ouro
Bate no touro
O touro é valente
Machuca a gente
A gente é fraco
Cai no buraco
Cabou-se o mundo

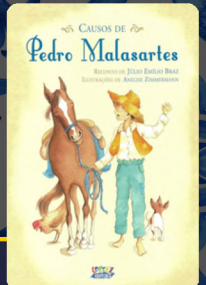


Galo monteiro
Pisou na areia
Areia é fina
Que deu no sino
Que deu na barata
Que deu no besouro
O besouro é valente
Que deu no tenente
O tenente é mofino
Que deu no menino



ELEMENTOS DO FATO FOLCLÓRICO

Fonte: Cartilha do Folclore Brasileiro



Ser Anônimo

Existe um autor, mas a autoria se perdeu no tempo. Histórias que vieram de outros países, mas que aqui no Brasil se modificaram. Ex.: Dona Baratinha, veio da Índia, onde existe há mais de 2000 anos, aqui se modificou, ela casou-se com o João Ratão, Gata Borralheira, de Pedro Malasartes, mas a maioria das histórias de bichos é de origem indígena, brasileira.

Ser tradicional

O fato tem que ter tradição, pois mesmo sem professores para ensinar, o fato folclórico se expande pela tradição, o que o pai faz também o filho vai fazer e sempre aperfeiçoando mais, já que a cultura é viva, dinâmica.

Ser Funcional

O fato tem que ter funcionalidade, pois quando tudo tem função, a sua utilidade, seja para sobrevivência, seja para o lazer. O povo não gosta de cantar? Canta até rezando, pra fazer nenê dormir, para alegrar o trabalho, para festejar, até para enterrar os mortos.

Ser oral (popular)

O fato folclórico tem de ter transmissão oral, que é o que se faz de boca em boca, de boca a ouvidos, uns contando para os outros, o que se transmite pela fala.

Ser Coletivo

O fato de ter uma aceitação coletiva, isto é, tem que ser aceito pelo povo. O povo pega o fato folclórico, como uma história ou modinha e aprende, aumenta inventando, elimina o que não gosta e a modinha segue para frente, tendo o povo como autor. Conforme a região, o povo canta e dança de um jeito, se não está de acordo com os seus costumes, esse povo modifica o fato folclórico.





Referências

- CORALINA, Cora. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. 18. ed. São Paulo: Global, 2016.
- CORALINA, Cora. *O prato azul-pombinho*. 6. ed. São Paulo: Global, 2017.
- CRUZ, Dimas Ferreira da. A escrita do folclore em Goiás. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL, 9., 2008, São Paulo. Anais... São Paulo: Associação Brasileira de História Oral, 2008.
- GLENN, Sigrid S. Individual behavior, culture, and social change. *The Behavior Analyst*, v. 27, n. 2, p. 133-151, 2004.
- LIMA, Rossini Tavares de. *A ciência do folclore*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- ORTÊNCIO, Bariani. *Cartilha do Folclore Brasileiro*. Brasília: Thesaurus, 2013.
- ORTÊNCIO, Bariani. *A cozinha goiana*. Goiânia: Kelps, 2005.
- SIGNORELI, Izabel Cristina Alves. *Cozinha goiana: identidade e tradição culinária em Bariani Ortencio*. Dissertação (Mestrado em História) – PUC-GO, 2010.
- STARLING, Heloísa Maria Murgel; PEREIRA, Terezinha Oliveira. A contística de Bariani Ortêncio: cultura como educação. In: ENPEC, 8., 2011. Campinas: ABRAPEC.
- SKINNER, B. F. *Sobre o behaviorismo*. São Paulo: Cultrix, 1971.

É VER
DADE.
#SQN



"ABA É UMA TERAPIA PADRONIZADA, FEITA IGUAL PARA TODO MUNDO."

Por *Mateus Silva*

É verdade, só que não! ABA não é uma receita pronta. Embora possamos usar protocolos de avaliação, como VB-MAPP ou ABLLS-R, que tem uma estrutura definida, cada intervenção é construída de forma individualizada. O planejamento leva em conta repertórios, história do indivíduo, necessidades e interesses únicos, garantindo estratégias personalizadas e funcionais.

"Receita pronta. É só aplicar o protocolo."

Com certeza você já deve ter ouvido isso por aí... Essa ideia é bem comum, mas totalmente equivocada. A Análise do Comportamento Aplicada (ABA) não é uma receita de bolo. Pelo contrário: é justamente o contrário disso.

A ABA parte de avaliação individualizada, coleta de dados e tomada de decisão baseada em evidências. Cada criança tem sua história, repertório, interesses e dificuldades, e bem, é a partir disso que o planejamento é construído.

Os protocolos, como VB-MAPP, ABLLS-R ou qualquer outro, servem como ferramentas de avaliação e guia, não como “receitas prontas”. Eles ajudam a identificar habilidades presentes, barreiras de aprendizagem e objetivos a serem trabalhados, mas o jeito de ensinar, os reforçadores escolhidos e o ritmo da intervenção sempre serão únicos.

Na prática, isso significa que duas crianças da mesma idade, avaliadas pelo mesmo protocolo, podem, e muito provavelmente vão, ter planos de ensino completamente diferentes. Uma pode precisar de foco em comunicação, outra em habilidades sociais e por aí vai.

Diferente do que dizer por aí, ABA não está em repetir técnicas de forma robotizada ou mecânica, mas em analisar, adaptar e personalizar cada intervenção, garantindo que ela faça sentido para aquela criança, naquela família, naquele contexto.

Em resumo: se alguém te vende ABA como um pacote pronto, desconfie. ABA de verdade não é padronização — é ciência aplicada à singularidade de cada indivíduo.

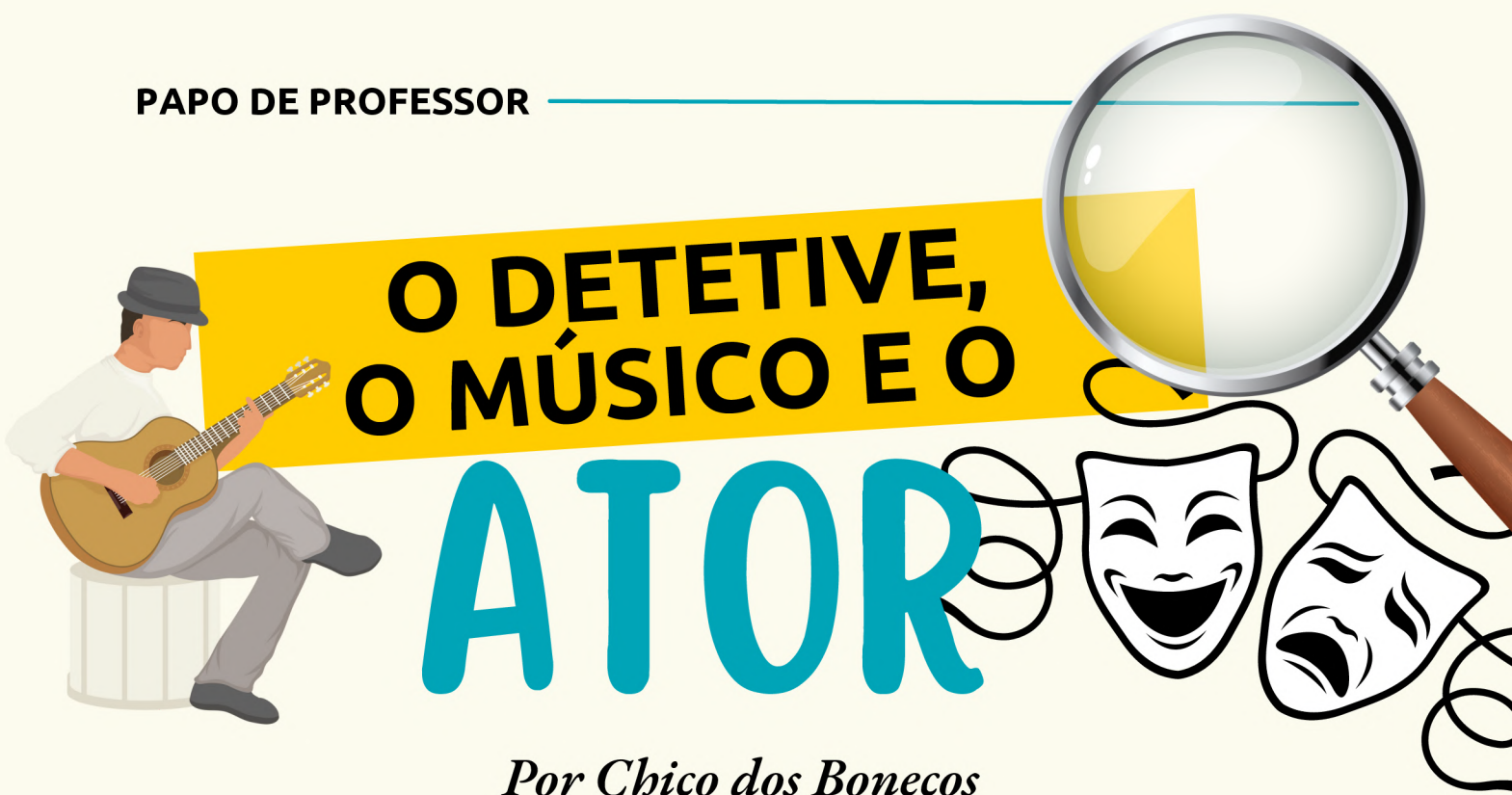


Conheça *Mateus Silva*

Mateus Silva é psicólogo, especialista em Análise do Comportamento pela PUC Goiás, pós-graduando em Análise do Comportamento pela UFSCar e mestrando em ABA.

Atua com desenvolvimento infantil desde 2020, com experiências que incluem as funções de Acompanhante Terapêutico (AT), terapeuta aplicador, psicólogo clínico, coordenador e supervisor.

Atualmente, trabalha como supervisor de casos, contribuindo para o planejamento e acompanhamento de intervenções baseadas em Análise do Comportamento Aplicada.



Por Chico dos Bonecos

Nós, pais e professores, queremos ajudar as crianças a se tornar leitores autônomos, para que sejam capazes de ler e compreender, relacionar informações e ideias contidas no texto, reler e se aprofundar, confrontar a leitura com suas próprias reflexões e experiências.

Mas...

Para atingir a plenitude na leitura, as crianças precisam conquistar a precisão de um Detetive, o ritmo de um Músico e a expressividade de um Ator.

O Detetive observa, compara e investiga. Ele não deixa escapar nenhuma pista... Com o Detetive, as crianças aprendem a ler textos sem pular linhas; a ler frases sem pular palavras; e a ler palavras sem pular letras. Assim, são capazes de identificar pequenas alterações, como entre faca e vaca. Conseguem ainda perceber a sutileza de uma frase que lança mão de uma metáfora. E tudo isso as torna capazes de compreender com precisão o que ouvem e leem.

O Músico faz soar seu instrumento de maneira cadenciada, levando os espectadores a deleitarem-se com sua apresentação... Com o Músico, as crianças passam a ouvir melhor e a interpretar frases musicais, empregando expressividade ao reproduzi-las. Essa habilidade se reflete em sua capacidade de ler com fluência — por meio da leitura silenciosa ou, mais especialmente, da leitura em voz alta.



As crianças conquistam essa habilidade quando percebem que não precisam mais frear a leitura para decifrar cada palavra, cada sílaba, cada letra. Então, descobrem, admiradas, que seus olhos começam a sobrevoar as palavras (como você está fazendo agora ao ler este texto). Isso significa que, para elas, o reconhecimento de palavras se transformou em algo instantâneo. Assim, notam o ritmo como parte integrante da linguagem; e as sílabas, como batidas a pulsar no coração das palavras. E tornam-se capazes de converter em voz cantada a qualidade de voz falada.



O Ator está presente com todo o seu corpo, fazendo com que seus gestos tragam novos sentidos às palavras... Com o Ator, as crianças começam a memorizar os mais variados textos e a emitir a voz com clareza e vivacidade, de modo a pronunciar as palavras com brilho e volume. Estabelecem de maneira consciente pausas sugestivas, transmitindo, de acordo com o enredo, sentimentos de alegria, tristeza, dúvida, medo, suspense, surpresa e humor. Por isso, criam entonações que diferenciam o narrador da personagem e as personagens entre si, quando estas se põem a dialogar. E essa habilidade de interagir com o texto permite às crianças ler com expressividade.

E assim chegamos à sigla **PRE: Precisão, Ritmo e Expressividade** — três letrinhas preciosas, que sintetizam componentes importantes na formação de um leitor autônomo.

De cor e salteado, com o seu cortejo de vinte poemas e vinte canções, traz um festival de sugestões para ajudar as crianças a mergulhar no mar das palavras.

Em meio a tantos conteúdos, os pequenos se deparam ainda com o desafiante universo da consciência fonológica, isto é, jogos de linguagem que despertam a sensibilidade para manipular unidades sonoras da fala, tais como as sílabas, as rimas, as aliterações e os fonemas. E tudo isso foi muito bem explorado em outros livros que compõem esta trilogia: ***Linha, agulha, costura: canção, brincadeira, leitura e Maravilhamento.***

Agora, navegando no *De cor e salteado*, as crianças vão explorar recursos de linguagem presentes nos poemas e nas canções: as metáforas, as rimas, as quadras, as aliterações, os trava-línguas, as onomatopeias, as adivinhas. Além disso, vão querer guardar no coração e na memória todos os textos. E sair por aí saltando e declamando!

O treino da memória, da consciência fonológica e da prosódia serve como um aquecimento para a aprendizagem da leitura. É como se todos esses elementos fossem a pista de um aeroporto. O avião a utiliza para conseguir alcançar a velocidade necessária a fim de decolar. A partir daí, começa a Grande Viagem da Leitura. E o Céu é o limite...

Boa viagem a bordo do De cor e salteado!



Conheça *Chico dos Bonecos*

Francisco Marques ("Chico dos Bonecos") é um autor, poeta, arte-educador e teatro-bonequeiro brasileiro de destaque. Com formação em Letras, iniciou ainda jovem seu trabalho com bonecos e literatura.

Desde a década de 1980, promove a cultura popular com livros, espetáculos e oficinas para crianças e educadores, valorizando o brincar, a oralidade e a interatividade como instrumentos de ensino.



HABILIDADES DE ATENÇÃO EM CRIANÇAS AUTISTAS NA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

Por Ana Carolina Sella e Iara Alves

As habilidades de atenção, na perspectiva da Análise do Comportamento, consistem em respostas de observação e de seleção de estímulos relevantes, que ocorrem sob controle de antecedentes específicos e são mantidas por consequências que aumentam a probabilidade de sua ocorrência futura. Essas habilidades envolvem processos como atenção seletiva, sustentada, alternada e dividida (Ames & Fletcher-Watson, 2010). Desde a primeira infância, comportamentos atencionais podem ser observados em contextos sociais e não sociais, como direcionar o olhar para a voz de um cuidador ou compartilhar visualmente um evento com outra pessoa, o que é essencial para o desenvolvimento de linguagem, habilidades sociais e desempenho acadêmico (Saini, Greer, & Fisher, 2013).

No caso de crianças com autismo, estudos descrevem padrões atípicos tanto na atenção social, como menor responsividade a pistas visuais ou gestuais, quanto na atenção de domínio geral, incluindo dificuldades para alternar o foco entre estímulos e para desengajar-se de estímulos irrelevantes (Ames & Fletcher-Watson, 2010). Essas diferenças indicam que, muitas vezes, o controle de estímulo está direcionado para aspectos que não contribuem para o andamento da tarefa ou da interação em curso, o que pode dificultar a atenção a estímulos relevantes e, consequentemente, impactar a aquisição de outros repertórios (Saini et al., 2013).

Atenção e contexto: analisando necessidades reais do aprendiz

Para que o ensino de habilidades de atenção seja efetivo, é fundamental realizar uma análise individualizada das necessidades do aprendiz, considerando não apenas o desempenho em uma atividade específica, mas também o que ele precisa para responder adequadamente em seus contextos reais de vida. Isso envolve identificar quais são as demandas e estímulos relevantes em diferentes situações, como sala de aula, brincadeiras e interações cotidianas, e quais variáveis antecedem e mantêm o comportamento atual.

A definição operacional da resposta é igualmente essencial para mensuração e análise. Em vez de adotar termos amplos como “prestar atenção”, pode-se definir de forma observável, como “manter o olhar direcionado ao material por pelo menos cinco segundos após a apresentação da instrução” (Smith Myles & Simpson, 2017).

Intervenção individualizada

A intervenção sobre habilidades de atenção deve ser planejada a partir de uma análise criteriosa dos dados obtidos na avaliação, garantindo que as estratégias adotadas sejam diretamente relacionadas às necessidades reais do aprendiz. Isso implica considerar as variáveis que exercem controle no desempenho, o contexto em que as dificuldades ocorrem e as demandas específicas das situações de vida em que a habilidade será utilizada.

O ensino precisa ser sistemático, mas também flexível, permitindo ajustes contínuos conforme a aquisição do repertório e as mudanças nas condições do ambiente. Uma intervenção padronizada, que se limita a aplicar atividades de “atenção”, que não foram pensadas e adaptadas para o aprendiz, pode não produzir impacto significativo se não estiver alinhada ao que é funcional e socialmente relevante para o aprendiz. Ao contrário, quando as metas de ensino e as condições de prática refletem o que ele efetivamente precisa para responder de forma mais eficaz em seu cotidiano, aumentam-se as chances de generalização, manutenção dos ganhos e contribuição real para a qualidade de vida.



Componentes específicos do ensino

A literatura descreve diversos componentes do repertório de atenção. Entre eles estão a orientação para estímulos, que consiste em responder prontamente a eventos relevantes, o desengajamento de estímulos irrelevantes, a identificação de saliência, a mudança de foco e a atenção dividida (Saini et al., 2013). Cada um desses componentes pode ser ensinado de forma sistemática, com arranjos de ensino que favoreçam o contato com o estímulo relevante, o reforço diferencial para respostas corretas e a variação de contextos para promover a generalização (Ames & Fletcher-Watson, 2010).

Medição e tomada de decisão

A coleta de dados objetiva é fundamental para verificar se a intervenção está produzindo os efeitos desejados e para ajustar procedimentos conforme necessário. Medidas como duração da atenção sustentada, frequência de respostas corretas a estímulos relevantes, número de redirecionamentos necessários e percentual de passos completados em uma sequência de tarefas permitem uma análise detalhada do progresso (Smith Myles & Simpson, 2017).

Conclusão

A atenção, na Análise do Comportamento, é vista como um conjunto de comportamentos que pode ser definido, avaliado e ensinado de forma sistemática. A observação em diversos ambientes e contextos é essencial para que a aprendizagem de tais habilidades seja significativa. Garantir a manutenção e generalização destas habilidades é essencial para uma intervenção significativa.

Referências

- Ames, C., & Fletcher-Watson, S. (2010). A review of methods in the study of attention in autism. *Developmental Review*, 30(1), 52–73. <https://doi.org/10.1016/j.dr.2009.12.003>
- Saini, V., Greer, B. D., & Fisher, W. W. (2013). Teaching children with autism to attend to socially relevant stimuli. *Research in Autism Spectrum Disorders*, 7(12), 1551–1557. <https://doi.org/10.1016/j.rasd.2013.09.002>
- Smith Myles, B., & Simpson, R. L. (2017). *Flexible and focused: Teaching executive function skills to individuals with autism spectrum disorder*. Elsevier.



Conheça *Dra. Ana Carolina Sella*

A Profa. Dra. Ana Carolina Sella é certificada pela Behavior Analyst Certification Board e pela Qualified Applied Behavior Analysis Credentialing Board. Doutora pela UFSCAR, fez estágio na Universidade do Kansas e um segundo mestrado em Ciências Aplicadas do Comportamento. Desde 2001, trabalha com crianças no espectro autista e outros transtornos do neurodesenvolvimento, com expertise em habilidades acadêmicas, Design Instrucional e geratividade. É pesquisadora em qualidade de serviços baseados em ABA, professora, revisora e publica em periódicos de Psicologia e Educação.

Conheça *Iara Alves*

Iara Sanara Silva Alves é Especialista em ABA e neuropsicologia, mestranda em Psicologia pela UFSCar e pós-graduanda em Habilidades Sociais pelo Instituto Dell Prette. Psicóloga com formação em Desenvolvimento Humano na Infância e Adolescência. Atua como supervisora em serviços de ABA para crianças e adolescentes autistas, promovendo grupos de estudos e desenvolvendo recursos terapêuticos.



DIA MUNDIAL DO CERRADO

Por Marcos Meireles



O mês de setembro marca a transição entre as estações do inverno e da primavera, conhecida como a estação das flores. Não por acaso, no dia 11 deste mês é comemorado o Dia Nacional do Cerrado, o bioma das cores, das muitas flores e de inúmeros bichos.

A data instituída por lei no ano de 2003 tem por objetivo reconhecer o valor e sensibilizar as pessoas para a relevância ecológica do segundo maior bioma sul-americano, considerado ainda a savana mais rica do mundo, abrigando, de acordo com a ONG WWF, 30% da biodiversidade brasileira, o que representa 5% de toda fauna e flora do planeta. O cerrado ocupa quase 25% do território brasileiro, abrangendo 11 estados, o Distrito Federal, além de enclaves isolados no Amazonas, Amapá e Roraima, totalizando mais de 2 milhões de km². É cerrado a perder de vista!

Assentado sobre uma superfície geológica bilionária, composta por escudos cristalinos, bacias sedimentares e variados tipos de rochas, o cerrado começou a se formar há mais de 40 milhões de anos, sendo um dos ambientes naturais mais antigos do planeta, tendo atingido seu ápice evolutivo em termos de desenvolvimento e adaptação das espécies. Por isso, uma vez degradado, jamais volta ao seu estado natural.



Descrito por décadas de maneira estereotipada, o cerrado era frequentemente retratado como um ambiente homogêneo, de clima quente e seco, onde predominavam árvores pequenas e escleromórficas, ou seja, de cascas grossas e troncos retorcidos. Prova disso foi o tratamento recebido no Congresso Nacional, onde ignorado na Constituição de 1988, e longe dos holofotes, sofreu com a falta de proteção legal, sob o argumento de que se tratava de um bioma sem relevância, com a pecha de solo pobre e de pouca diversidade. Essa silenciosa negligência custou caro e aos poucos, o já combalido bioma, foi sendo gradativamente substituído por lavouras e pastagens, restando atualmente cerca de 30% de sua cobertura original, de acordo com o estudo realizado em 2023 pelo Instituto de Biologia da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

CERRADO: UM BIOMA DENTRO DE VÁRIOS BIOMAS

Com toda essa riqueza, o cerrado é hoje reconhecido como um dos 36 “hotspots” do planeta, um conceito de classificação adotado pela ONG Conservação Internacional (CI), para identificar áreas prioritárias de conservação. Todavia, a insígnia está longe de ser uma boa notícia. Para além de constatar a importância do bioma, o reconhecimento é um urgente alerta para o acelerado processo de degradação e do iminente risco de extinção de espécies, uma vez que entre os

Mas o cerrado está longo de ser uma paisagem monocromática. De acordo com Ribeiro e Walter (2008), o bioma abriga mais de 12 mil espécies de plantas e aproximadamente 2500 espécies de animais, entre aves, répteis, mamíferos, peixes e anfíbios. O cerrado se subdivide ainda em 11 subsistemas distribuídos por formações florestais, campestres e savânicas, apresentando um alto grau de endemismo, ou seja, 18% das espécies de fauna e 30% das espécies de flora só ocorrem no bioma. Somando os invertebrados nessa conta, o número de espécies vivendo nesse habitat supera os 330 mil, incluindo aí mais de 500 espécies de cupins, 1200 de abelhas e as mais de 1000 espécies de borboletas. É bicho de demais, é planta de demais.



SISTEMA BIOGEOGRÁFICO

DO CERRADO: Muito mais que um bioma

O que é um sistema biogeográfico?

Nová abordagem que considera:

- Meio físico (solo, água, rochas, relevo, clima)
- Meio biótico (fauna e flora)
- Meio socioeconômico (ações e ocupação humana)

Integra todos os elementos de forma sistêmica e interdependente.



- Fauna e Flora
- Solos e rochas
- Águas superficiais e subterrâneas
- Grupos humanos presentes desde o final do último período glacial.



Conceito
proposto por
Barbosa (2002)



DINÂMICA ECOLÓGICA

- Fatores que atuam de modo ecológico e simbiótico
- Alteração em um subsistema → impacto em todo o sistema.



MOSAICO DE PAISAGENS

O Cerrado é formado por diferentes subsistemas:

1. Campos
2. Cerradão
3. Matas
4. Matas Ciliares
5. Veredas
6. Ambientes Alagadiços

IMPORTÂNCIA ESTRATÉGICA

- Atua como **corredor ecológico** do Brasil.
- Interconecta-se com quase todos os outros sistemas biogeográficos.
- Essencial para a **manutenção e intercâmbio da biodiversidade**



critérios de definição de um ambiente "hotspot", o bioma deve possuir mais de 1500 espécies de plantas endêmicas e já ter perdido pelo menos 70% de sua cobertura original.

OS POVOS DO CERRADO

Os grupos humanos são outro importante componente do sistema biogeográfico do cerrado. De acordo com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, existem hoje cadastrados no órgão mais de 4900 sítios arqueológicos localizados no bioma, sendo que os registros mais antigos da presença humana no cerrado datam de 13 mil anos antes do presente. Ao longo desse período, foram se adaptando e se diversificando, constituindo-se em centenas de grupos étnicos, com língua, cultura, hábitos e costumes próprios, dando origem mais tarde aos povos originários encontrados aqui quando da chegada dos primeiros europeus ainda no século XVI.

Apesar do violento processo de colonização centrado no extermínio e na desaculturação por meio da conversão religiosa, diversos grupos indígenas resistiram por séculos e ainda hoje lutam pela preservação de sua cultura e pela demarcação do que restou de seus territórios. Somados aos territórios quilombolas formados por descendentes de povos escravizados, o cerrado abriga hoje mais de 250 grupos, entre indígenas e comunidades tradicionais, que juntos detêm um inestimável conhecimento sobre os recursos do bioma, relacionados a medicina tradicional, princípio ativo de plantas, manejo de animais, plantio e preparação dos solos, que associado ao modo de uso e ocupação consciente do espaço, são exemplos de sustentabilidade, sendo estes povos, protagonistas nas ações de proteção do cerrado.

CERRADO: O BIOMA DAS ÁGUAS

O cerrado é muito mais do que somente plantas e animais. Água é o que não falta, por isso o bioma é conhecido como o “berço das águas” brasileiras, abrigando as principais nascentes que alimentam as bacias hidrográficas do Amazonas, Tocantins, Platina e São Francisco. Além disso, 8 das 12 regiões hidrográficas do Brasil tem seus rios alimentados por águas oriundas do cerrado, sem falar no bioma vizinho – Pantanal – a maior planície inundável do planeta é em grande parte formada pelas águas oriundas do cerrado.

A vegetação tem um papel fundamental na manutenção do regime hídrico dos rios e reservatórios subterrâneos do bioma, pois é com o auxílio de suas profundas raízes que a água percola e alimenta lençóis e nascentes. O cerrado ainda contribui no reabastecimento dos aquíferos Bambuí, Urucuia e Guarani, três das mais importantes reservas subterrâneas de água do nosso país. É um mar de água doce!





CERRADO PRESERVADO É O MELHOR INVESTIMENTO DO AGRONEGÓCIO

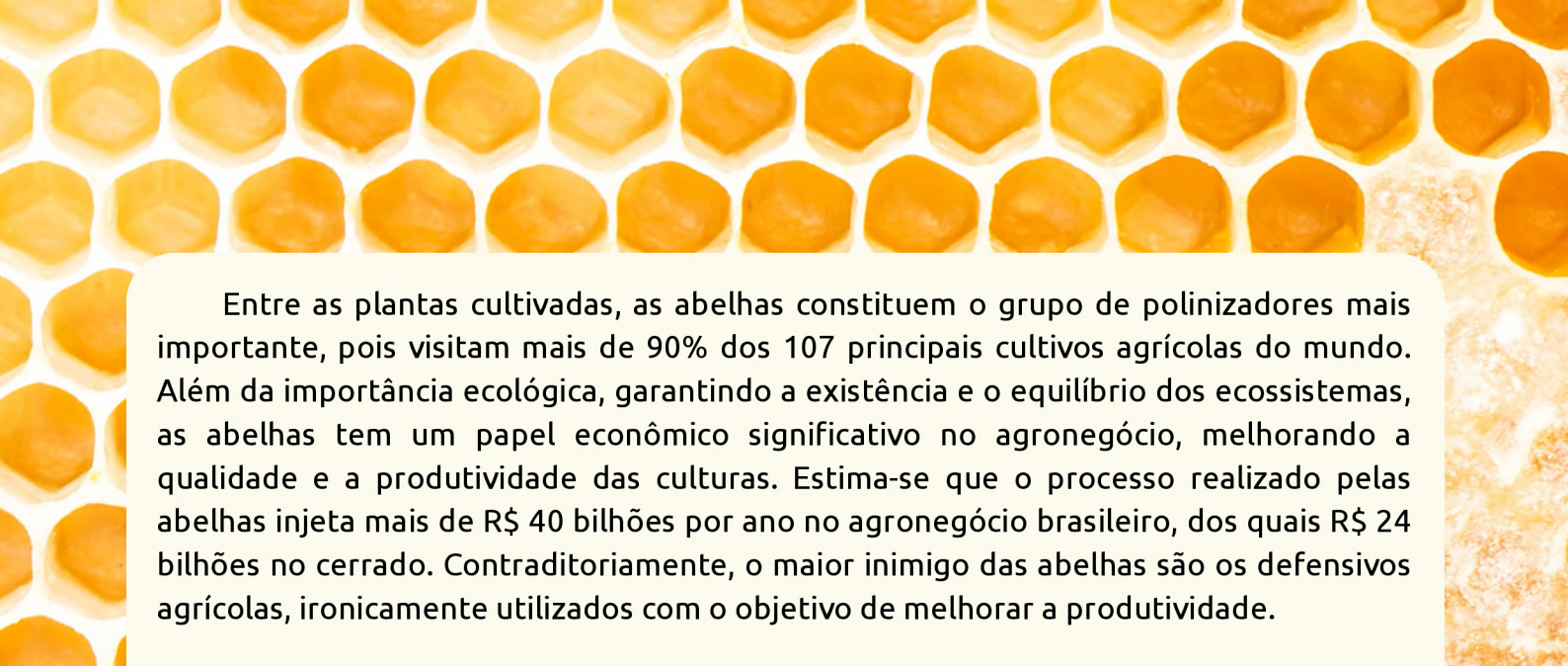
A boa notícia tanto para produtores rurais como para ambientalistas é que quanto mais preservado o cerrado, melhor é a qualidade e maior é a produtividade agrícola. E os responsáveis por isso são os **agentes polinizadores**, em especial, as abelhas.

A polinização é a transferência de grãos de pólen da parte masculina de uma flor para as partes femininas da mesma ou de outra flor, resultando na fertilização de seus óvulos. Os responsáveis pela transferência de grãos de pólen entre diferentes estruturas das flores que resultam na formação de frutos e sementes são denominados agentes polinizadores.

Esse processo pode ser realizado tanto pelos animais como pela ação dos ventos e das águas. Os agentes polinizadores são indispensáveis também na agricultura porque exercem papel central na produção de alimentos, uma vez que a maioria das plantas, cultivadas ou nativas, são polinizadas por animais e dependem destes para sua reprodução. Em países de clima tropical como o Brasil, o índice de plantas que dependem do processo de polinização feito pelos animais chega a 94%.

Produção X Preservação

O desafio é equilibrar produção agrícola e preservação ambiental



Entre as plantas cultivadas, as abelhas constituem o grupo de polinizadores mais importante, pois visitam mais de 90% dos 107 principais cultivos agrícolas do mundo. Além da importância ecológica, garantindo a existência e o equilíbrio dos ecossistemas, as abelhas tem um papel econômico significativo no agronegócio, melhorando a qualidade e a produtividade das culturas. Estima-se que o processo realizado pelas abelhas injeta mais de R\$ 40 bilhões por ano no agronegócio brasileiro, dos quais R\$ 24 bilhões no cerrado. Contraditoriamente, o maior inimigo das abelhas são os defensivos agrícolas, ironicamente utilizados com o objetivo de melhorar a produtividade.

A FLORESTA DE CABEÇA PARA BAIXO

O cerrado brasileiro desenvolveu ao longo de milhões de anos um intrincado e complexo sistema de captação, percolação, armazenagem e distribuição de água, envolvendo o regime das chuvas, a vegetação, o solo e as rochas.

Devido ao regime climático predominante no cerrado caracterizado por dois períodos bem distintos – um seco e outro chuvoso – um sofisticado sistema envolvendo plantas e solos faz com que boa parte da água das chuvas que precipitam entre os meses de outubro e março sejam armazenadas e aproveitadas no período de estiagem, que vai de abril a setembro. Para que isso aconteça, os solos predominantemente profundos e permeáveis, permitem com o auxílio das raízes de árvores e plantas, que as águas percolem com relativa facilidade, evitando ao máximo o seu escoamento superficial. Por se tratar de solos ácidos, com baixa fertilidade e pouca matéria orgânica, as plantas desenvolveram um sistema de raízes muito profundas que as possibilitam, no período de estiagem, acessarem a água e seus nutrientes à vários metros de profundidade.

Além de garantir a sobrevivência de plantas e animais no longo período da estiagem e de permitir a recarga hídrica de aquíferos e lençóis freáticos, o sistema de quebra ainda estoca mais de 13 bilhões de toneladas de carbono por km², uma vez que 75% da massa vegetal das plantas do cerrado estão abaixo da terra, composta essencialmente por suas raízes, contribuindo sobremaneira para amenizar os efeitos do aquecimento global. Por tudo isso, o cerrado também passou a ser conhecido e reconhecido como a “floresta de cabeça para baixo”. Parece coisa de ficção científica, mas é coisa da natureza!

SUSTENTABILIDADE: A LUZ NO FIM DO TÚNEL

Enquanto a sustentabilidade é única saída para conservar o que ainda resta do cerrado, conciliar o desenvolvimento com a proteção ambiental é o maior desafio, pois coloca em lados opostos os que defendem a expansão econômica e os que lutam pela

preservação da biodiversidade, e mesmo que ainda longe de um consenso, a única certeza que se tem é quanto aos incalculáveis danos e prejuízos já causados pela degradação do bioma, a exemplo das mudanças climáticas e todas as suas consequências ambientais, sociais e econômicas.

E VIVA O CERRADO!

Referências

ARANTES, José Tadeu. | Agência FAPESP, 2023. Disponível em: <https://agencia.fapesp.br/estudo-mapeia-desafios-e-aponta-diretrizes-para-a-restauracao-do-cerrado/50182>

BARBOSA, Altair Sales. Andarilhos da Claridade: Os primeiros habitantes do cerrado. Ed. UCG. – Goiânia 2002.

BIODIVERSITY- Hotspots. Disponível em: <https://www.conservation.org/priorities/biodiversity-hotspots>

BRASIL, Ministério da Cultura Disponível em: <https://www.gov.br/iphan/pt-br/patrimonio-cultural/patrimonio-arqueologico>

CERRADO: No Ecosystem left behind. Disponível em: <https://www.wwf.org.br/nossosconteudos/biomas/cerrado/>

ISPNI - Instituto, Sociedade, População e Natureza. Disponível em: <https://ispn.org.br/biomas/cerrado/>

RIBEIRO, J.F. & WALTER, B.M.T. 2008. As principais fitofisionomias do Bioma Cerrado. In Cerrado: ecologia e flora (S.M. Sano, S.P. Almeida & J.F. Ribeiro, eds.). Embrapa Cerrados, Planaltina. p.151 -212.



Conheça *Marco Meireles*

Marco Emilio C. Meireles tem 48 anos, é natural de Goiânia, casado e pai de 3 filhas. Formado em Mineração, licenciado em Geografia e bacharel em Engenharia Ambiental com especialização em Arqueologia.

Tem 25 anos dedicados à gestão de planos e programas socioambientais, programas de educação patrimonial e projetos de licenciamento ambiental.

O SABOR DAS LENDAS

Por Aline Alves

A comida, antes de ser receita, é palavra. É dita e repetida, como cantiga de roda ou parlenda, transmitida de boca em boca, de geração em geração.

No Brasil, a cozinha é também folclore: ela se constrói na oralidade das avós que ensinam a mexer o tacho, das comadres que trocam segredos no fogão à lenha, dos ditos que atravessam o tempo e dão sentido ao ato de comer.

Bariani Ortêncio, folclorista e escritor goiano, compreendia isso com clareza. Em sua obra *A Cozinha Goiana* (2001), ele não apenas reuniu receitas, mas registrou memórias: ditos populares, crenças ligadas ao preparo dos alimentos e o repertório cultural que habita o ato de cozinhar.



Para Ortêncio, a cozinha era um território da cultura viva, em que o gesto de mexer o doce de leite no tacho ou colher o pequi na época certa era tão importante quanto a receita escrita. A comida se tornava, assim, linguagem e comportamento coletivo.



Ao cozinhar, o brasileiro atualiza uma tradição que é tanto prática quanto poética. O ato de “passar o ponto” (chegar no momento certo do preparo) de um doce, por exemplo, não é técnico apenas é também social, carregado de narrativas e saberes ancestrais.

Claude Fischler (1995) também nos lembra que o alimento é sempre “bioquímico, psicológico e social”: nutre o corpo, evoca memórias e ancora identidades. E, no Brasil, ele ainda é atravessado pelo imaginário popular.



O Guia Alimentar para a População Brasileira recomenda:

“Desenvolva, exercite e compartilhe suas habilidades culinárias, valorize o ato de preparar e cozinhar alimentos, defenda a inclusão das habilidades culinárias como parte do currículo das escolas e integre associações da sociedade civil que buscam proteger o patrimônio cultural representado pelas tradições culinárias locais.

Se você tem habilidades culinárias, procure desenvolvê-las e partilhá-las, principalmente com crianças e jovens, sem distinção de gênero. Se você não tem habilidades culinárias, e isso vale para homens e mulheres, procure adquiri-las.

Para isso, converse com as pessoas que sabem cozinhar, peça receitas a familiares, amigos e colegas, leia livros, consulte a internet, eventualmente faça cursos e... comece a cozinhar!”

Falar é a base do cozinhar.

Na tradição oral, muitos alimentos carregam lendas que temperam o prato com mistério e encantamento. O milho, base da pamonha e da canjica, é presente de divindades indígenas, alimento sagrado que sustenta a vida e aproxima o homem da terra.

Não é à toa que, ainda hoje, muitas receitas não se medem em gramas, mas em “punhados” e “pitadas”, termos e palavras que só fazem sentido dentro de uma tradição compartilhada. A oralidade transforma a comida em gesto narrado, e o gesto, por sua vez, devolve o sabor à memória.

Assim, a cozinha brasileira é folclore vivo. Nos sabores das lendas, no contar e recontar receitas, nos ditos populares que acompanham o preparo, a comida se torna narrativa coletiva. A cada colherada, carregamos a voz dos que vieram antes de nós — e é essa voz que tempera o tacho, a roda de conversa e o coração.

Como observa Câmara Cascudo (1967), “a mandioca é a espinha dorsal da dieta brasileira tradicional”, e seu mito de origem dá a esse alimento um status sagrado, transmitido pela oralidade das aldeias, recontado em volta da fogueira e perpetuado no ato de cozinhar.



Assim, tendo a comida e sua preparação um ato rico em simbologias nos chega o conceito de cozinha folclórica de Bariani Ortêncio.

“Tem que ser anônimo no sentido de que ninguém sabe mais quem fez, pois não existe geração espontânea. Tem que ser tradicional, vir lá de trás, com cheiro de museu. Tem que ser coletivo, não adianta só eu saber, e tem que ser popular, que vem do povo”.

Folia de Reis

“As festas populares são celebrações do corpo e da alma, onde a mesa e o altar se confundem” reafirma Câmara Cascudo.

O ato de oferecer comida aos foliões não é detalhe, mas coração da festa: quem recebe a Folia em casa retribui com aquilo que tem de melhor, transformando o alimento em bênção compartilhada.

A Lenda do Pequi

Conta a tradição que, em um tempo de seca, quando a fome assolava as aldeias, uma jovem do povoado desapareceu misteriosamente. Dias depois, no lugar onde ela costumava descansar à sombra, brotou uma árvore forte, de copa arredondada e frutos pequenos.

O pequi é fruto do respeito que é preciso comer devagar, retirar a polpa com cuidado, nunca morder o caroço. O povo acreditava que os espinhos eram guardiões da moça transformada em árvore, sua forma de lembrar aos homens que a fartura deve vir sempre acompanhada de prudência e reverência.

A Lenda da Mandioca

Conta-se que, em uma aldeia, nasceu uma menina de pele clara chamada Mani.

O corpo de Mani foi enterrado dentro da própria oca, como forma de reverência. Do chão onde foi depositada, brotou uma planta até então desconhecida. Os indígenas cavaram a terra e descobriram uma raiz forte, nutritiva, que passou a alimentar toda a comunidade.

Essa raiz foi chamada de mani-oca (a “casa de Mani”), e assim nasceu a mandioca, alimento que se tornaria base da alimentação de inúmeras culturas indígenas e, mais tarde, da culinária brasileira.



Referências

FISCHLER, Claude. El (h)omnívoro: el gusto, la cocina y el cuerpo. Barcelona: Anagrama, 1995.

CLAVAL, Paul. A Geografia Cultural: o estado da arte. In: ROSENDAHL. Z. CORREA. R. L. (Org.) Manifestações da cultura no espaço. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999, p. 59-97.

COIMBRA, Mario. Comer e Aprender – Uma História da Alimentação Escolar do Brasil. Belo Horizonte. MEC, 1982.

Eric Hobsbawm & Terence Ranger (orgs.). A invenção das tradições. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. Págs. 9-23.

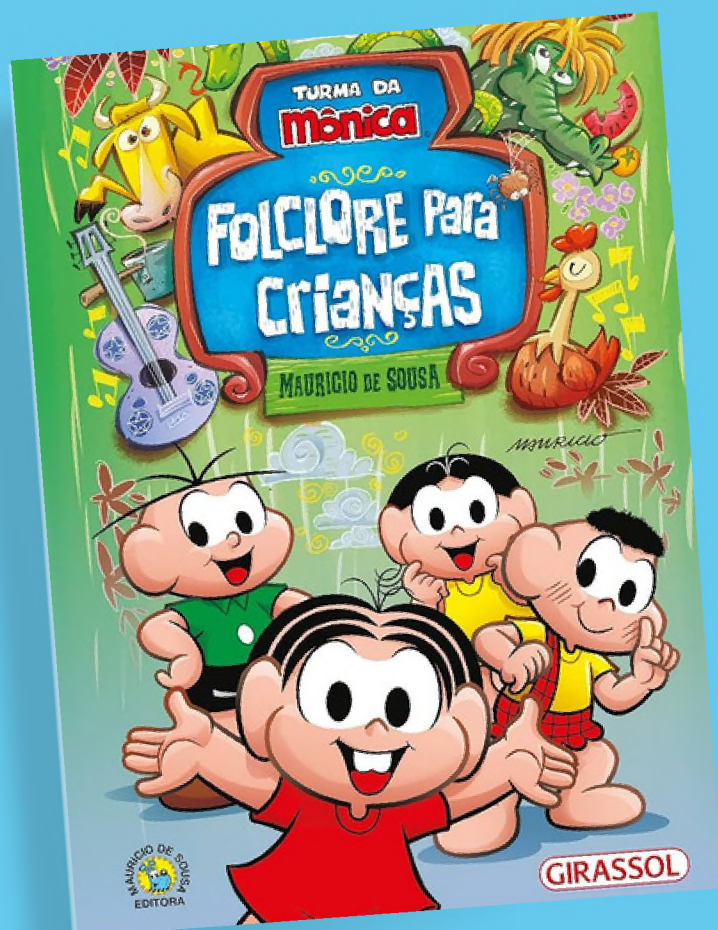
Ministério da Saúde (MS). Guia Alimentar para a População Brasileira. Brasília: MS; 2014.



INDICAÇÃO DE LEITURA

O BRASIL EM QUADRINHOS: CULTURA E IDENTIDADE PELAS MÃOS DE MAURÍCIO DE SOUSA

Por Cris Alves



A cultura popular brasileira é, sem dúvida, um elemento essencial na formação de crianças e adolescentes. Isso porque ela oferece um riquíssimo repertório de saberes, tradições e valores que contribuem diretamente para o desenvolvimento da identidade cultural e social dos alunos. Nesse sentido, o folclore se destaca como uma das expressões mais potentes dessa cultura viva. Por isso, ele deve ser considerado um conteúdo indispensável nas práticas pedagógicas da Educação Infantil e do Ensino Fundamental.

Agosto, tradicionalmente conhecido como o mês do folclore, com destaque para o Dia do Folclore (22/08), é uma ótima oportunidade para ampliar o olhar das crianças (e também das famílias) sobre as manifestações culturais populares do Brasil.

Porém, mais do que uma data comemorativa, o folclore precisa estar presente ao longo de todo o ano letivo. Assim, é possível garantir a continuidade dessas experiências na escola e em casa, fortalecendo o contato com as raízes culturais brasileiras.

Afinal, quanto mais conhecemos sobre a nossa história, nossas origens e nossas tradições, mais conseguimos compreender o país onde vivemos e a sociedade da qual fazemos parte. E é justamente na infância que esse contato precisa ser incentivado. O Brasil é um país extremamente diverso, e essa pluralidade aparece com força no folclore — seja nas lendas, músicas, danças, brincadeiras ou nas histórias orais que atravessam gerações.

Por outro lado, é preciso ter atenção ao abordar o tema em sala de aula. Algumas manifestações, por serem fruto de contextos históricos específicos, ainda carregam estereótipos ou preconceitos que precisam ser debatidos com sensibilidade e senso crítico. Além disso, é importante diferenciar lendas populares de narrativas religiosas de culturas africanas e indígenas, por exemplo.

Por isso, a escolha dos materiais e a forma como são trabalhados com os alunos fazem toda a diferença. E é justamente aí que entram duas ótimas indicações de leitura para quem deseja trabalhar o tema de forma leve, divertida e, ao mesmo tempo, educativa.

Turma da Mônica – Lendas Brasileiras

Nesta obra, os personagens clássicos da Turma da Mônica se encontram com figuras marcantes do nosso folclore, como o Saci, a lara, o Curupira, o Boto-cor-de-rosa, entre outros. Com ilustrações vibrantes, bom humor e muita aventura, o livro se torna uma ótima porta de entrada para que crianças conheçam, e se encantem, com as lendas brasileiras.

Mais do que uma simples releitura, a obra é um verdadeiro convite para que leitores de todas as idades mergulhem no universo mítico que faz parte da nossa identidade. Ao aproximar o folclore da linguagem dos quadrinhos, o livro ajuda a preservar as tradições orais e ainda desperta o interesse pela leitura espontânea. Tudo isso, com o diferencial da Turma da Mônica, o que encanta, e com isso, aproxima a criança da leitura, bem como da cultura brasileira.



Turma da Mônica – Folclore para Crianças

A segunda obra vai além das lendas e explora outros elementos fundamentais do folclore, como cantigas, parlendas, brincadeiras populares e curiosidades. A Turminha mostra como essas tradições ainda estão presentes no nosso dia a dia e reforça a importância de mantê-las vivas e valorizadas.

Uma particularidade, que merece destaque, é o Manual do Educador, no fim do livro. Alinhado à BNCC, ele traz várias sugestões de atividades que podem ser aplicadas tanto em sala de aula quanto em casa — um recurso extra que amplia as possibilidades pedagógicas da leitura.

Tanto *Turma da Mônica – Lendas Brasileiras* quanto *Folclore para Crianças* são recursos riquíssimos para aproximar as crianças do folclore nacional de forma crítica, divertida e significativa. Ambas contribuem para fortalecer a identidade cultural dos alunos, além de incentivar o respeito às diferenças e ampliar o repertório literário desde cedo. Sem dúvida, são leituras que encantam, ensinam e transformam — perfeitas para o mês de agosto, mas ainda melhores quando fazem parte da rotina ao longo de todo o ano. São imperdíveis!



LANÇAMENTO DOS LIVROS:

Habilidades de Atenção

é um livro que explora a *atenção* como função executiva essencial na Análise do Comportamento.

POR APENAS R\$66,90



Coisas que Sinto na Minha Pele

é um livro sensível que ajuda crianças e adultos a explorar o mundo através das sensações corporais.

POR APENAS R\$29,90



Dante
em

O Curupira e a Natureza





Confira nossa **programação** dos próximos meses:



a 06 de setembro

ABPMC -34º Encontro da Associação Brasileira de Ciências do comportamento

📍 São Paulo - SP



de setembro

Autismo em Fokus

📍 Goiânia - GO (ALEGO)



a 07 de setembro

Congresso Internacional de Clínicas Multidisciplinares 📍 Goiânia - GO



de setembro

Curso Habilidade de Atenção *com Carolina Sella e Iara Alves* 📍 Goiânia - GO



de setembro

Treinamento de Orientação parental com Leana Bernardes 📍 Goiânia - GO



de outubro

Mirabolâncias *com Estevão Marques e Chico dos Bonecos* 📍 Goiânia - GO

CURSO HABILIDADES DE ATENÇÃO

INSCREVA-SE

com Certificado de 6h

+ LANÇAMENTO DE LIVROS



13.09



9h às 16h30



HUB Cerrado - Espaço de
Coworking Goiânia (GO)



ANA CAROLINA SELLA



IARA SANARA

Orientação Parental

com **Leana Bernardes**

26 de Set | 9h às 16h30 | Sede da ABA+

Vagas limitadas

INSCREVA-SE



REVISTA ABA+

Agradecemos por chegar até aqui conosco.

Encerramos mais uma edição da Revista ABA+ já com os olhos voltados para a próxima. A busca por histórias da vida real e pelos saberes da ciência continua a nos mover e inspirar.

Esperamos que você aproveite cada instante de leitura e que as informações e reflexões — especialmente sobre o folclore — contribuam para uma vida mais consciente, conectada e comprometida socialmente.

Gostaríamos também que esta edição de agosto fosse um convite: que você possa reconhecer e valorizar a importância da sua própria história e das tradições que fazem parte da sua trajetória. Já parou para pensar nas marcas que tem deixando aqui e ali?

Nos vemos na próxima edição!

E aproveite para nos seguir nas redes sociais.

Muita coisa boa acontecendo aqui e lá.

**Com carinho,
Equipe ABA+**



 @abamaisinfo

 www.abamais.com